

## *O QUE É TERAPIA DE FAMÍLIA?*

*ROSANA RAPIZO*

Esta prática terapêutica nascida oficialmente nos anos 50, faz parte de um movimento contemporâneo de emergência de uma multiplicidade de modalidades de tratamento na área de saúde mental. Nesta mesma época, outros movimentos também despontavam, como a anti-psiquiatria, as comunidades terapêuticas, o “boom” das terapias de grupo, etc. A terapia de família surgiu como um recurso altamente potente para o tratamento de pacientes esquizofrênicos, que desafiava as abordagens terapêuticas tradicionais, voltadas somente para o indivíduo. Ainda hoje, a terapia de família, muitas vezes é considerada como um recurso técnico eficiente apenas para o tratamento de patologias graves, ou para famílias com crianças, onde a participação da família no tratamento é vista como fundamental. Dentro de contextos que privilegiam abordagens individuais, a família é incluída no tratamento de algum de seus membros quando “atrapalha” o seu atendimento individual, “sabotando” melhoras do paciente ou em alguns casos, a partir da necessidade da família “aprender” com aquela “doença”.

Da mesma forma, algumas vezes imaginamos que para atender uma família basta que todos estejam presentes ao mesmo tempo e que se tenha aprendido algumas técnicas que sejam mais apropriadas para o manejo desta situação. As mudanças que podem ser conseguidas pelos elementos da família são consideradas, em muitas situações, como “superficiais” em relação a mudanças que podem ser atingidas em tratamentos mais “profundos” com cada um de seus membros. Ainda hoje, no Brasil, onde a terapia de família encontrou seus

primeiros representantes no início da década de 70, a terapia de família é tratada como uma abordagem desconhecida e pouco usual.

O que os terapeutas de família têm aprendido com sua prática através de todos esses anos, e que têm tentado ensinar em diversas instituições pelo Brasil que dedicam-se à formação de novos terapeutas é que, como já nos diziam os velhos pioneiros, a terapia de família, especialmente a terapia sistêmica de família, envolve uma maneira diferente de “ler” o comportamento humano. Em nossa cultura, que valoriza as noções reducionistas, isolacionistas, individualistas e de especialização, é “natural” que muitas vezes se esqueça que o que resultamos como sujeitos é produto de relações, e que nós como sujeitos, por outro lado, produzimos formas de relação e maneiras de ver o mundo nas quais estamos inevitavelmente inseridos. Temos como contexto de nosso modo de ver, ser e agir no mundo, uma trama relacional inescapável, que nos constrói e dentro da qual construímos incessantemente nossas identidades. Estamos sempre neste processo de construir e transformar nosso ser no mundo, a partir de posições que adquirimos ao relacionarmos-nos com nossos outros significativos e com contextos mais amplos dos quais fazemos parte.

Esta forma de conceber o sujeito permite-nos olhar a relação, o processo, o contexto, como fundamentais para a geração, a manutenção e a transformação de nossas narrativas a respeito de nós mesmos e do mundo que nos cerca.

A terapia sistêmica de família tem como base epistemológica noções que valorizam o contexto dos eventos, comportamentos e mútua influência. Alinhada com paradigmas científicos contemporâneos, a terapia sistêmica valoriza noções como a complexidade dos processos causais, a relação parte-todo-parte, a incerteza, a imprevisibilidade e o abandono de noções dualistas e deterministas. Teórica e praticamente, apresenta desafios e inovações em relação às abordagens

tradicionais. Em suas formulações mais atuais, terapia sistêmica de família se alinha ao pós-modernismo, às abordagens narrativas e reflexivas do espaço terapêutico.

O sintoma não é considerado como propriedade do indivíduo, devido a suas características e dinâmicas intrapsíquicas somente. O sintoma é sempre contextualizado e o sujeito entendido como conhecedor e produtor ativo de mudanças a partir de sua relação com seus diversos contextos de pertinência, desde o biológico, até o cultural. A família, como agente socializador primário em nossa cultura, é importante na produção e manutenção do ser/estar no mundo. A dinâmica relacional da família contém o sintoma como recurso para soluções de crises, para a rigidez da exigência de consenso ou para a desorganização de padrões de relação preferenciais.

Sintomas ou problemas estão apoiados e são gerados em meio a narrativas históricas, individuais e relacionais que os mantêm, na falta de alternativas mais viáveis e menos sofridas.

O terapeuta sistêmico mantém sempre em mente estes diversos níveis de existência humanos. Usa várias lentes e flexibilidade para que sua presença junto à família se constitua na possibilidade da criação de um contexto transformador. O terapeuta navega junto com a família por caminhos que são para ele como “aventuras” das quais tem, talvez, mapas gerais compartilhados socialmente a respeito de dinâmicas familiares e expectativas de funcionalidade, mas tem que preenchê-los e recriá-los a partir da singularidade de cada grupo familiar e da emergência desta singularidade em relação a sua singularidade como terapeuta. Ele é curioso a respeito dos mecanismos de construção e solidificação de narrativas, comportamentos e dinâmicas relacionais que a família traz como problema. Através de uma dança dialógica, o grupo se move na construção,

desconstrução e reconstrução de padrões e possibilidades relacionais que recursivamente interagem com as identidades individuais de cada membro daquele grupo familiar. A terapia sistêmica de família revelou-se, portanto, não uma técnica terapêutica, mas uma forma de encarar os dilemas e os modos de viver humanos. Nascida como uma abordagem à família, é vista hoje como uma abordagem às relações e, desde o início desta década, especialmente, tem sido cada vez mais valorizada a aplicação desta forma de ler e abordar terapêuticamente os problemas a outros grupos, redes sociais e ao indivíduo. Embora a porta de entrada do pensamento sistêmico na área da terapia tenha sido e, ainda seja mais comumente, a terapia de família, muitos terapeutas que se denominam sistêmicos têm utilizado esta visão em toda a sua prática. Neste caminho, muitos de nós tivemos que redefinir temas e questões como o diagnóstico, o estabelecimento da relação e do enquadre terapêutico, objetivos e avaliação de nossa prática.

A terapia sistêmica apresenta desafios teóricos, epistemológicos e éticos consoantes com o desenvolvimento de visões mais ecológicas e comprometidas com o destino social do homem contemporâneo. É, portanto, uma prática crítica e reflexiva, onde clientes e terapeutas constroem novas alternativas conjuntamente e onde todos se arriscam a mudar.

Escrito originalmente em 1997.